

REGISTROS DO INTANGÍVEL: O TREZENÁRIO DE SANTO ANTÔNIO DOS POBRES, NO BARRO VERMELHO

Paula Louise Fernandes Silva¹

RESUMO: O presente artigo resulta do Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas intitulado por - “Patrimônios Coexistentes: O entrelaçar do Padroeiro com o Bairro Santo Antônio, na cidade de Penedo”. Tem como objetivo apresentar uma experiência de cunho etnográfico durante os treze dias de festa em honra à Santo Antônio, padroeiro do bairro o qual possui o mesmo nome do santo protetor, onde buscou-se explorar as sobreposições entre o patrimônio material e imaterial, os entendendo de forma coexistentes. Para isto, teve-se como fonte investigativa as relações entre os atores sociais, religiosidade e as transformações efêmeras do espaço urbano do bairro, utilizando os recursos audiovisuais como forma de registro, inicialmente para descobrir e posteriormente contar. O trabalho resultou em um curta documentário, intitulado 'Padroeiro', exibido para os moradores do lugar no ano de 2018. Diante disto, as discussões apresentadas ao longo deste texto procura evidenciar como a imagem em movimento torna-se um recurso de linguagem expressivo e com amplo acesso social em pesquisas de cunho etnográfico, onde a captura da imagem passou a ser uma ferramenta singular na construção da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário. Etnografia. Patrimônio Cultural..

RECORDS OF THE INTANGIBLE: ST. ANTHONY'S TREZENÁRIO, IN BARRO VERMELHO

ABSTRACT: This article is the result of the Final Paper of the Architecture and Urbanism Course, at the Federal University of Alagoas entitled -“Coexisting Heritage: The intertwining of the patron saint with Bairro Santo Antônio, in the city of Penedo”. Its objective is to present an ethnographic experience during the thirteen days of celebration in honor of St. Anthony’s, patron saint of the neighborhood which bears the same name as the patron saint, where it sought to explore the overlaps between material and immaterial heritage, understanding them in coexisting ways. For this, we had as investigative source the relationships between social actors, religiosity and the ephemeral transformations of the urban space of the neighborhood, using audiovisual resources as a way of recording, initially to discover and later to tell. The work resulted in a short documentary, entitled 'Padroeiro', shown to the residents of the place in the year 2018. Given this, the discussions presented throughout this text seek to show how the moving image becomes an expressive language resource and with broad social access in ethnographic research, where image capture became a unique tool in the construction of research.

KEYWORDS: Documentary. Ethnography. Cultural heritage.

¹ Mestranda em Turismo e Patrimônio – Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: paulalouise@gmail.com

UMA FORMA DE REGISTRO

Registrar o outro ou a si, as práticas do cotidiano ou momentos que fogem do que é comum, representações e percepções diversas, imaginárias. Vivemos na era da cultura visual, presente não apenas nos mercados editoriais e midiáticos, como também em meio digital, ampliando o acesso, à produção e distribuição de imagens, sons e vídeos, capaz de reverberar identidades, pertencimentos ou criar tradições.

Este trabalho parte de uma etnofotografia realizada durante a festa de Santo Antônio do Barro Vermelho, na cidade de Penedo-Alagoas, onde a imagem foi utilizada como uma forma alternativa e legítima para a construção de uma narrativa sensível sobre o universo cultural investigado. Com um olhar “de perto e de dentro”, como sugere Magnani (2002), buscou-se conhecer e descrever o cotidiano praticado pelo outro, por meio de uma convivência prolongada, mas com um “olhar estrangeiro”. Sugiro um caminho entre as fronteiras do conhecimento científico, fotográfico e cinematográfico, para compor a metodologia desta pesquisa, as entendendo como uma forma de liberdade criativa e interpretativa, como aponta Hannerz (1997), ainda que sejam perigosas, são nessas zonas fronteiriças onde entramos em contato com diferentes culturas e formas do pensar, possibilitando trocas e interações valiosas.

Não é de hoje que os recursos audiovisuais são empregados como ferramentas metodológicas em pesquisas de cunho etnográfico. Como a temática aqui abordada está estruturada no âmbito do patrimônio cultural vale ressaltar o ano de 1938, considerado um marco para o registro etnográfico do país. Conhecida como Missão de Pesquisas Folclóricas, o modernista Mário de Andrade enviou um grupo de pesquisadores para o Norte e Nordeste do Brasil, para uma expedição que tinha por objetivo gravar, fotografar e filmar uma diversidade de danças, festas, músicas e ritos religiosos. De acordo com Turazzi (1998), Mário de Andrade foi o responsável por instituir no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)² uma política de documentação fotográfica das manifestações culturais brasileiras, que tinha por consequência construir a partir da iconografia uma visão do patrimônio brasileiro.

Dessa forma parto do entendimento que as imagens tanto são produzidas, como lidas, podendo ser utilizadas não só em campo ou complementando um texto, são também

² Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1970.

alternativas de escrita e o cuidado dado ao registro visual passa a ser tão importante como aquele dado ao registro escrito, auxiliando na compreensão de práticas culturais diversas.

UM CONVITE AO IMAGINÁRIO

Assim como Mário de Andrade, em suas missões para registrar as manifestações culturais brasileiras, vamos aqui ao sul do estado de Alagoas, navegando às margens do Rio São Francisco, até chegarmos à Penedo. Pelos arruados em paralelepípedos, igrejas seculares e antigos casarios, se revela uma cidade onde as origens remontam ao período da colonização portuguesa no Brasil.

A região compunha a porção Sul da Capitania de Pernambuco e teve sua ocupação territorial por volta de 1560, quando Duarte Coelho de Albuquerque, donatário e fundador de Olinda, mandou construir uma feitoria no local. Uma primitiva capela foi erguida em honra a Santo Antônio, tornando-se o primeiro orago³ do lugar, no ano de 1614, elevando a região a categoria de vila, denominada Vila do São Francisco (MÉRO, 1974).

Segundo Vainfas (2003), este foi o santo com maior número de freguesias, vilas e cidades dedicadas ao longo da colonização portuguesa, tamanha a sua popularidade⁴, tal fato pode justificar para que Santo Antônio tenha se tornado o primeiro padroeiro da então Vila. De acordo com Méro (1974), ao decorrer dos anos Nossa Senhora do Rosário tornou-se a padroeira do lugar, porém permanências à devoção ao santo franciscano ainda podem ser notadas no bairro Santo Antônio, o qual é patrono, popularmente conhecido como Barro Vermelho. As ruas estreitas, ora aladeiradas, ora margeando o rio, são testemunhas do processo de povoamento da cidade. No lugar se mantém o ofício da pesca, na arquitetura se preserva a memória de um bairro industrial, e na religiosidade católica estão os rastros das tradições portuguesas, em fazer da fé uma festa.

É no espaço da celebração que os convido ao imaginário, assim como eu, estabelecendo um vínculo de confiança para adentrar no universo da fé. O patrimônio material e imaterial, a igreja e a rua, o sagrado e o profano. Como sugere Serra (1999), uma miscelânea de devoção, pessoas e espaço de diversão. Diferentes camadas de significados

³ Orago, patrono ou padroeiro é um santo a quem é dedicada uma localidade.

⁴ O catolicismo brasileiro foi influenciado pelo pensamento religioso da Europa do século XVI, que buscava cultuar indivíduos com trajetórias de vida tidas como exemplo pela fé em Deus e dedicação absoluta à Igreja. Inicialmente Santo Antônio foi acionado no período colonial como militante e defensor do território, visto que ficou conhecido em Portugal por seu interesse em lutar contra aqueles que se mostravam contrários aos princípios do catolicismo, tendo assim em vista a preservação das posses territoriais portuguesas (Vainfas, 2003).

codificados, onde a imagem em movimento foi utilizada como uma tentativa de materializar os símbolos intangíveis, registros das relações mais íntimas, de mundos invisíveis - o Trezenário⁵ de Santo Antônio dos Pobres, no Barro Vermelho.

DIAS DE CELEBRAR E INVESTIGAR

Me lancei em campo para ver o outro, acompanhada de uma câmera fotográfica, tripé e gravador. Observei de perto momentos distintos do bairro, mas principalmente os treze dias de celebração católica, que ocupava a igreja de Santo Antônio dos Pobres e se estendia às ruas do Barro Vermelho. A princípio, as idas solitárias ao bairro, acompanhada apenas dos equipamentos para registros, aos poucos foram ganhando companhia. Crianças, adultos e pessoas mais velhas do lugar tornaram-se auxiliares durante a vivência, revelando espaços desconhecidos da igreja, me apresentando a outros moradores para entrevistas ou me convidando para um café em suas casas. A câmera, que poderia afastar as pessoas por receio do desconhecido, acabou por instigar a curiosidade e aproximar.

Dessa forma pude presenciar o bairro em transformação, através de conexões e interações entre pessoas e o lugar. Novos equipamentos urbanos foram associados aos existentes: gambiarras, bandeiras, parque de diversão, além das barracas de comidas e bebidas. Características oriundas de tradições portuguesas, em decorar as ruas com ornatos temporários, principalmente durante as procissões.

As imagens capturadas narraram diferentes momentos: a cavalgada, na véspera da trezena; as decorações do espaço urbano; as doze noites de orações; até o derradeiro dia, ainda na madrugada do sábado para o domingo, com a ornamentação do andor e finalização da decoração das ruas; a missa em Ação de Graças à Santo Antônio; além do batizado das crianças do bairro. Narraram também a procissão, onde moradores abriram as portas e janelas de suas casas, devidamente decoradas, prontas para a passagem de Santo Antônio.

⁵ No catolicismo este termo utilizado para se referir às rezas e devoções que se repetem durante os treze dias que antecedem à festa em honra a um santo.



Figura 1: Moradores do Barro Vermelho decorando a rua para a festa de Santo Antônio. Fonte: Cenas extraídas do documentário *Padroeiro*, 2018.

Tais transformações foram construídas de forma não verbal e a imagem passou a ser uma ferramenta singular para a pesquisa, um recurso de linguagem, onde eu, enquanto pesquisadora, registrei minha interpretação da realidade social, podendo ser um instrumento político ao criar uma imagem que ficaria eternizada para o futuro (LINS DE BARROS E STROZENBERG, 1993).

Além disso, os instrumentos de campo foram essenciais durante minhas longas conversas com os moradores, não apenas sobre a festa, mas também a história do bairro. Baseada na história oral, através da narrativa daqueles que vivenciam o bairro, pude construir, ou melhor, reconstruir, parte da história do lugar, visto que são poucos os documentos escritos sobre o bairro. Descobri o quanto as transformações urbanas e histórias de vida perpassam pela festa em estudo.

Um vasto e rico acervo foi criado, como recortes do tempo no espaço que apontavam para o invisível, representavam instantes do momento presente que poderiam ser usados no futuro para a construção de novas realidades (KOSSOY, 1999).

Dessa forma, porque não utilizar as entrevistas e imagens para compor o trabalho para além da escrita? Algo que eu pudesse compartilhar com todos a qualquer instante, onde as pessoas poderiam se ver e se reconhecer. As imagens produzidas na vivência do campo ‘para descobrir’ posteriormente foram utilizadas ‘para contar’, cumprindo importante papel na construção do imaginário da pesquisa (GURAN, 2000).

DA INVESTIGAÇÃO AO FILME

Como aponta Martins (2019), as imagens no imaginário da fé são instantes de um fragmento da temporalidade, onde os peregrinos estão em uma busca incessante pela vida. Como em um processo meditativo, o fotógrafo, documentarista ou pesquisador, se debruça nas imagens dos lugares sacralizados e nos atos de fé, procurando os elementos secundários, flagrantes do invisível, ocultados pelo registro instantâneo, que pode reduzir a realidade social, mas que não esconde informações das circunstâncias, que pode levar o imaginário do observador, onde sem a contextualização histórica e antropológica das situações capturadas pode não alcançar as revelações pretendidas, e a imagem passa a fazer parte de uma utopia.

Sendo assim, a consciência do que é real é constituída pelo o que se vê e pelo o que não se vê, mas que ao mesmo tempo sabemos que está lá e é sentido. A fé transita entre o imaginário e o real, assim como nos registros audiovisuais, que nem sempre poderá materializar o que está sendo imaginado, abrindo margens para sentir.

Com isto vi a necessidade e potencialidade em mesclar a fotografia ao que foi capturado através de pequenos quadros de vídeos, permitindo maiores possibilidades ao imaginário, meu - enquanto criadora - e do espectador. Nesse momento foi necessário um afastamento do campo, um período de amadurecimento, para poder compreender e absorver tudo o que foi visto, presenciado e sentido.

Após meses sem analisar o material colhido, me debrucei sobre ele e pude observar a partir de uma ótica nunca experienciada por mim, os sentidos da fé, que nos fala do tempo, transformações, renascimento e possibilidades diversas. Dessa forma construí uma narrativa fílmica, a partir das histórias do bairro, narrada pelos moradores, com fotografias antigas - fornecidas por eles em campo - que revelava as transformações urbanas e cenas capturadas durante minha estadia, imagens do dia a dia, o preparo das ruas para a procissão, perpassando pelos atos profanos presentes no entorno da igreja.



Figura 2: Dona Eunice, moradora do bairro, na porta da igreja de Santo Antônio, antes da fachada da edificação passar por alterações na década de 1970 (01), a fotografia foi cedida durante entrevista e utilizada no documentário (02). Fonte: Cenas extraídas do documentário *Padroeiro*, 2018.

A ordem das imagens, as sobreposições, os silêncios e as pausas, os sons capturados em campo, repletos de ruídos e músicas ao fundo, a imagem estabilizada apoiada no tripé, mesclada a câmera nas mãos, elevando a sensação de permitir que o espectador sinta e veja o Barro Vermelho sob uma ótica diferente daquela presenciada no dia a dia, tanto pelos moradores, como transeuntes que frequentam o bairro por motivos diversos, perpassa as imagens do cotidiano e transcende à imagens e enigmas da fé.

DO FILME À UMA NOITE DE CINEMA

O filme, intitulado *Padroeiro*⁶ passou a incorporar uma parte importante da pesquisa desenvolvida. A partir do direcionamento da câmera, abordou-se a temática do patrimônio imaterial entrelaçado ao espaço urbano, com um olhar de fora para dentro, observando como a celebração transcende os limites físicos da igreja, os principais momentos, os conflitos culturais e o sujeito, fundamental agente formador da dinamicidade do lugar.

Vi a necessidade de retornar ao bairro, como uma etapa fundamental do trabalho, uma forma encontrada para compartilhar com as pessoas parte dos conhecimentos adquiridos durante a investigação, demonstrando respeito e consideração àquelas memórias.

⁶ O filme está disponível através do link: <<https://youtu.be/YGqQAYXhtxg>>.

Das primeiras idas a campo até a exibição do filme se passou um ano. Retornei ao bairro no décimo segundo dia da trezena de Santo Antônio, véspera da procissão, para apresentar o filme aos moradores do lugar. O local escolhido para a projeção foi o centro comunitário, ao lado da igreja. As ruínas transformaram-se numa sala de projeção a céu aberto. O cheiro de pipoca pairava no ar, convidando as pessoas a entrar. Entrelaçadas, crianças, adultos e idosos ficaram encantados ao ver aquele espaço transformado.



Figura 3: Exibição do documentário para os moradores do Barro Vermelho. Fonte: Autora, 2018.

Dona Eunice, Fabiana, Cláudio, Mônica, Dona Erondina, Peixotinho, Vinícius, padre Jackson, André, Dona Rivanda, e tantos outros moradores, mais de cento e quarenta cadeiras estavam ocupadas para assistir o filme sobre a festa, sobre o lugar e acima de tudo, sobre as pessoas que fazem o bairro e a festa.

Risos, surpresas, olhos cheios de lágrimas, pessoas se conhecendo ou reconhecendo o outro, foram algumas das reações esboçadas durante a exibição. Ao fim, pude perceber a satisfação daqueles que se dirigiam até mim, para agradecer o momento proporcionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem audiovisual passa a ter grandes potencialidades em pesquisas que envolvem pessoas, paisagens e memórias. Têm retornos acessíveis e impactantes para a

sociedade, podendo despertar sentidos diversos, além do papel de documentar. Os sujeitos podem se ver e se reconhecer em sua cultura, compreendendo que aquilo que produzem têm um papel relevante para a sociedade, tornando-se um importante instrumento em ações educativas.

Além disso, resalto que o campo da fé possui um forte apelo visual, compreendendo as possibilidades interpretativas que as imagens carregam, permitem o encontro de tempos nas suposições discutíveis que o filme pode ter, “O ato de fé move e comove os circunstantes, pessoas e imagens” (MARTINS, 2019, p. 81).

O olhar curioso de quem registra pode revelar o invisível, o que é estranho, considerado irrelevante para a liturgia. Pode revelar também atos de teatralidade, intensificados pelo apontamento da câmera para aquele instante, cabendo a quem faz o registro incorporar e tolerar a encenação. Mas é possível também registrar os momentos mais sagrados, onde as pessoas passam por um instante de despersonalização e tornam-se componentes do sagrado, em um ato de entrega. Cabe então ao pesquisador a difícil e delicada tarefa de se fazer invisível, como em uma brincadeira de se esconder, mas com o olhar atento, sabendo reconhecer o momento de ter câmera posta, como também recolhê-la, em respeito ao outro. O registro se reveste de sentidos, como um momento singular daquilo que pode ser capturado.

Como aponta Mathias (2016), as imagens não se afirmam como verdade absoluta. Nos contam sobre o outro numa ótica de questionamentos constantes, desde a captura daquele instante, até a produção e pós produção. É poder experimentar uma liberdade de possibilidades, da realidade ao imaginado, questionando inclusive a validade daquilo que foi observado. É ter uma licença, para contar e transformar histórias.

REFERÊNCIAS

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, EdUERJ, vol. 10, n. 1, 2000.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. Mana, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 7-39, 1997

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes e STROZENBERG, Ilana. **Álbum de Família**. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1993.

MÉRO, Ernani Otacílio. **A História do Penedo**. Maceió: [s.n.], 1974.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29.

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia Visual**/ Ronaldo Mathias. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**/ José de Souza Martins.- 2 ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

Padroeiro. Direção e Roteiro: Paula Fernandes. Brasil. 2018. 18 min. Disponível em: <<https://youtu.be/YGqQAYXhtxg>>. Acesso em: 03 de junho de 2021.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa**. Salvador; Edufba, 1999b.

TURAZZI, Maria. Inez. **Uma cultura fotográfica**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 27, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. **Catolização e poder no tempo do tráfico**. Rio de Janeiro; Tempo, 1998. Disponível em< http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-7.pdf/> acesso em: 03 de junho de 2021.

Recebido em: 09/06/2021

Aprovado em: 27/06/2021